



A AUTOFORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VOZES E SENTIDOS DAS PROFESSORAS EM CONTEXTO DE PRÁTICA

CAROLINA AUGUSTA ALMEIDA LIMA; REGINA CÉLIA VILANOVA-CAMPELO

RESUMO

A formação de professores da Educação Infantil demanda processos que valorizem os saberes da experiência, da prática e da escuta das educadoras. Num cenário em que políticas nacionais de formação docente ainda negligenciam as especificidades da Educação Infantil e a escuta das professoras, a autoformação emerge como uma possibilidade de desenvolvimento profissional contínuo, situado e autoral, articulando vivências concretas e reflexão crítica sobre o fazer pedagógico. Este resumo expandido apresenta um recorte de uma pesquisa qualitativa, realizada com nove professoras da Educação Infantil de uma Unidade de Educação Básica da rede pública de São Luís – MA, com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos pelas professoras da Educação Infantil à autoformação, a partir de suas experiências e reflexões construídas no cotidianos escolares. A investigação utilizou entrevistas semiestruturadas como principal instrumento de coleta de dados, priorizando uma escuta sensível das narrativas docentes. O material foi analisado com base na técnica de análise temática de conteúdo, conforme Bardin (2016), a partir de categorias emergentes das falas. Todo o percurso metodológico seguiu os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Os resultados revelam que as professoras compreendem a autoformação como um movimento de busca constante por novos saberes, ancorado na prática, na troca com os pares, na escuta das crianças e na reflexão cotidiana. Palavras como prática, autonomia, experiência, transformação e aprendizagem aparecem com frequência nas falas das docentes, apontando para uma concepção de autoformação que envolve autoria, compromisso ético e desejo de mudança. Ao dar visibilidade às vozes das professoras como produtoras de conhecimento pedagógico, o estudo fortalece a construção de políticas formativas mais sintonizadas com os contextos da Educação Infantil.

Palavras-chave: Autoformação; Educação Infantil; Prática pedagógica; Saberes docentes; Formação contínua.

1 INTRODUÇÃO

A formação de professores da Educação Infantil ainda enfrenta desafios no que diz respeito ao reconhecimento das especificidades do trabalho pedagógico com crianças pequenas e à valorização dos saberes construídos na prática. Nesse contexto, compreende-se que a autoformação se apresenta como uma possibilidade de (re)significação do saber e do fazer docente, na medida em que valoriza os percursos singulares e as experiências vividas pelas educadoras em seus cotidianos escolares. Ao deslocar o foco da formação tradicional para uma perspectiva mais crítica, situada e reflexiva, a autoformação assume uma dimensão política e emancipadora do ato de ensinar. Embora existam diretrizes nacionais como a Base Nacional Comum para a Formação de Professores BNC-Formação, observa-se que elas frequentemente adotam uma lógica prescritiva, desconsiderando os contextos específicos da Educação Infantil e a escuta das educadoras. Nesse sentido, torna-se urgente repensar caminhos formativos que valorizem a experiência, o cotidiano escolar e os saberes produzidos pelas próprias professoras.

Este resumo expandido apresenta um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), cujo objetivo foi compreender os sentidos atribuídos pelas professoras da Educação Infantil à autoformação, a partir de suas experiências e reflexões construídas no cotidiano escolar. Entre os diversos elementos investigados, este trabalho se concentra na análise das concepções de autoformação expressas pelas docentes durante entrevistas semiestruturadas.

A abordagem qualitativa adotada na pesquisa está em consonância com Triviños (1987), que ressalta a importância de compreender o significado das ações e das falas dos sujeitos envolvidos, valorizando suas experiências e interpretações. Nesse sentido, a escuta das professoras não se restringe à coleta de dados, mas configura-se como espaço formativo, de troca e ressignificação do ser docente.

Fundamentado em aportes teóricos que discutem a formação docente e os saberes da prática, como Freire (2023), Nóvoa (2017), Josso (2010), Imbernón (2016), Loss e Caetano (2020) e Teixeira, Silva e Lima (2010), o estudo insere-se no campo das pesquisas que defendem uma formação situada, crítica e autoral, capaz de reconhecer as vozes das professoras como produtoras de conhecimento pedagógico.

Este resumo expandido apresenta, inicialmente, os caminhos metodológicos adotados para a realização do estudo; em seguida, expõe e analisa os resultados obtidos a partir das falas das professoras, articulando-os com os referenciais teóricos que sustentam a discussão. Por fim, são apresentadas as conclusões do estudo, destacando os principais achados, limitações e possibilidades para novas investigações no campo da formação docente na Educação Infantil.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo integra uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada no contexto de um mestrado profissional em Educação. Participaram da investigação nove professoras da Educação Infantil, atuantes em uma Unidade de Educação Básica (UEB) da rede pública municipal de São Luís – MA, que vivenciaram um percurso formativo situado, proposto como parte de um Produto Técnico-Tecnológico.

A opção pela abordagem qualitativa se justifica pela intenção de compreender os sentidos atribuídos pelas docentes à autoformação, a partir de suas experiências e vivências no cotidiano escolar. De acordo com Triviños (1987), a pesquisa qualitativa busca captar a subjetividade dos sujeitos e os significados que constroem sobre a realidade, valorizando o discurso como expressão de intencionalidades e posicionamentos. Assim, a escuta sensível às falas das professoras constituiu um movimento essencial para o alcance dos objetivos deste estudo.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, com foco nas experiências, percepções e sentidos atribuídos pelas docentes à autoformação no exercício da prática pedagógica. As entrevistas foram gravadas com autorização das participantes, transcritas integralmente e analisadas a partir da técnica de análise temática de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). O processo analítico buscou identificar categorias emergentes que expressassem elementos centrais das falas das professoras sobre a autoformação, articulando os dados com os referenciais teóricos do estudo.

As categorias utilizadas na análise emergiram do próprio material empírico, sendo construídas a partir da identificação de recorrências, expressões e sentidos atribuídos pelas participantes às suas vivências formativas.

O presente resumo expandido apresenta um recorte específico da pesquisa, concentrando-se na análise das concepções de autoformação expressas pelas professoras nas entrevistas. Todo o percurso metodológico seguiu os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e parecer consubstanciado do Conselho de Ética da Pesquisa-CEP/UEMA nº 6.748.295, 06/04/2024.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As falas das professoras revelam uma compreensão viva, experiencial e profundamente situada da autoformação docente. A partir da escuta sensível, foi possível identificar que, para as participantes, autoformar-se é estar em constante movimento de busca, adaptação e reflexão sobre a prática pedagógica.

Uma das professoras afirma: “Autoformação é atender ao chamado [...] aquela criança precisa, a minha turma é diferente, então eu tenho que me ajustar. É buscar exigência após exigência, construindo essa professora.” Essa fala evidencia o caráter dinâmico e contextual da formação docente, em que a prática cotidiana é o espaço privilegiado de aprendizagem. Outra docente completa: “A vida. O dia a dia. O que a gente todo dia faz... estar dentro da sala a gente estuda o tempo todo, não tem jeito.” Aqui, a autoformação aparece como parte indissociável do viver docente — um aprender constante no exercício do ensinar.

Ao serem questionadas sobre o significado de autoformação, destacam ainda a autonomia frente à construção do próprio saber: “Autoformação é quando o profissional vai em busca de novos conhecimentos que subsidiem sua prática” e “é quando você busca uma formação independente do que o município oferece.” Esses depoimentos dialogam diretamente com o pensamento de Nóvoa (2017), ao afirmar que a profissionalização docente requer protagonismo, autoria e consciência crítica sobre o próprio percurso formativo.

Segundo Teixeira, Silva e Lima (2010), a (auto)formação docente se constitui como um processo que articula experiência, reflexão e intencionalidade, implicando o sujeito em sua dimensão pessoal e profissional. Esse movimento formativo se dá em situações concretas de trabalho, em que o professor constrói sentidos sobre sua prática. Nesse mesmo sentido, Vygotsky (2003) nos lembra que o desenvolvimento humano, inclusive profissional, se realiza nas interações sociais e nos processos de significação mediada, o que reforça a importância das vivências coletivas relatadas pelas professoras.

Para Imbernón (2016), a formação significativa parte das experiências reais dos sujeitos, promovendo a transformação da prática com base na reflexão. Já Josso (2010) reforça que a trajetória formativa é construída pela articulação entre saberes de vida e saberes profissionais — perspectiva presente nas falas que apontam para a autoformação como “conhecimento, aprendizagem, saberes... tudo relacionado com a prática em sala”.

Freire (2023) aponta que a prática docente crítica e transformadora exige reflexão permanente e compromisso ético com a realidade. O processo formativo das professoras, como demonstram seus relatos, ocorre nessa tensão entre experiência vivida e desejo de reinvenção do fazer pedagógico. Loss e Caetano (2020), ao abordarem a autoformação na Educação Infantil, destacam esse entrelaçamento entre cotidiano e saber pedagógico como campo fértil para a construção da identidade profissional.

No contexto das atuais políticas públicas, Ximenes e Melo (2022) fazem uma leitura crítica da BNC-Formação, apontando a necessidade de resistência propositiva diante de orientações prescritivas e centralizadoras. As falas das docentes, ao evidenciar o esforço autônomo pela formação contínua, também sinalizam essa resistência prática e simbólica.

Com base nas respostas das professoras, foi possível identificar um conjunto de palavras e expressões que se repetem e que ajudam a compreender os sentidos atribuídos à autoformação. A seguir, apresentamos um quadro que sistematiza essas recorrências:

Quadro 1 – Palavras e expressões recorrentes nas falas das professoras sobre autoformação

PALAVRAS/EXPRESSÕES RECORRENTES	SENTIDO ATRIBUÍDO PELAS PROFESSORAS
Busca	Movimento ativo em direção ao conhecimento

Prática	Fonte e espaço de formação cotidiana
Estudo	Ação contínua de aprimoramento docente
Autonomia	Formação que parte da própria iniciativa
Experiência	Saber construído no fazer com as crianças
Reflexão	Releitura crítica da própria atuação
Aprendizagem	Processo contínuo e coletivo de construção de saberes
Transformação	Mudança pessoal e profissional a partir da autoformação

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa (2025).

Nesse sentido, as reflexões de Vieira e Baptista (2023) contribuem ao evidenciar que é no cotidiano da Educação Infantil que se revelam formas singulares de aprender e ensinar. A escuta das professoras mostra que a autoformação não é um processo isolado, mas relacional, coletivo e afetivo. Ela emerge das necessidades sentidas no chão da escola, das relações com os pares, da escuta das crianças e da reflexão sobre a própria atuação. Esse movimento evidencia a potência formativa dos contextos cotidianos e a centralidade da prática como fonte de saber e desenvolvimento profissional.

As palavras identificadas no quadro revelam não apenas o que as professoras dizem, mas principalmente como se posicionam frente ao próprio processo formativo. A ideia de “busca” aponta para uma compreensão da formação como movimento intencional e contínuo — o que dialoga com Triviños (1987), ao destacar que a consciência dos sujeitos sobre sua realidade é ponto de partida fundamental para transformá-la. Nesse sentido, a autoformação não se reduz a uma ação espontânea ou improvisada, mas se constrói a partir da problematização do cotidiano e da capacidade de atribuir sentido às experiências vividas.

A palavra “prática” aparece como elemento central, compreendida não como repetição mecânica, mas como espaço de reflexão, produção de saberes e reinvenção do fazer docente. Isso reforça a crítica de Ximenes e Melo (2022) às políticas uniformizadoras, como a BNC-Formação, que desconsideram os saberes situados das professoras da Educação Infantil. Ao contrário disso, as participantes desta pesquisa evidenciam que a prática é um campo potente de formação — aberta à escuta, à criação e à transformação.

Outro ponto que merece destaque é o vínculo entre autonomia e experiência. A autonomia, para as professoras, não é sinônimo de isolamento, mas de autoria: trata-se de tomar para si a responsabilidade por aprender com e a partir das relações. A palavra “reflexão”, nesse contexto, assume o papel de fio condutor da prática pedagógica crítica, como defendido por Freire (2023), e sustentada nos processos dialógicos que ocorrem entre pares, entre sujeitos e entre saberes.

Além disso, o destaque para “transformação” evidencia uma dimensão ética e política da autoformação: ao se perceberem como aprendizes de si mesmas e do mundo, as professoras afirmam o desejo de transformar não só a própria atuação, mas também os contextos em que atuam. É nesse entrelaçamento entre o individual e o coletivo que a autoformação se revela como prática emancipatória, comprometida com a qualidade e a equidade na Educação Infantil.

4 CONCLUSÃO

A análise das falas das professoras participantes evidenciou que a autoformação é compreendida como um processo contínuo, situado e experiencial, que emerge das demandas do cotidiano escolar e das reflexões que dele derivam. As docentes reconhecem a prática pedagógica como espaço privilegiado de aprendizagem e transformação, assumindo-se como protagonistas de seus percursos formativos.

Ao enfatizarem elementos como busca, estudo, autonomia, reflexão e transformação, as professoras expressam uma concepção de autoformação que dialoga com perspectivas críticas da formação docente, sustentadas por autores coitados no Tais vozes demonstram que, mesmo

diante das limitações estruturais da formação continuada institucionalizada, é possível construir caminhos próprios de formação, enraizados na prática, nas experiências e nas relações estabelecidas no chão da escola.

Como recorte de uma pesquisa mais ampla, este resumo expandido limitou-se à análise das concepções de autoformação apresentadas nas entrevistas. Para estudos futuros, considera-se relevante aprofundar a discussão sobre os impactos desses sentidos na constituição da identidade docente e nas práticas pedagógicas. Reconhecer e valorizar os saberes construídos pelas professoras é, portanto, um passo fundamental para a consolidação de políticas e propostas formativas mais autorais, emancipatórias e sintonizadas com a realidade da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 66. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2010.

LOSS, Adriana Salete; CAETANO, Ana Paula. **A autoformação relato de vivências autoformativas com profissionais da educação do Brasil e de Portugal - Volume II: Volume 2**. Curitiba: CRV, 2020.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2017.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, L. F.; BAPTISTA, M. C. **Educação infantil**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

XIMENES, P. de A. S.; MELO, G. F. BNC – Formação de professores: da completa subordinação das políticas educacionais à BNCC ao caminho da resistência propositiva. *Estudos - Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 103, n. 265, p. 739-763, sep./dec. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.103i265.5112>. Acesso em: 12 fev. 2023.